

DA ESPERANÇA À FELICIDADE

Todo o ser-Humano procura ser feliz. Dado que a felicidade, nesta terra, é efémera, cada pessoa procura, continuamente, algo diferente daquilo que já possui. Aliás, o avanço da ciência e da técnica é o reflexo dessa insatisfação que caracteriza o ser-Humano, colocando em prática toda a sua capacidade de intervenção no meio que o rodeia, procurando insistentemente compreender aquilo que não entende.

Cada um tem a esperança de encontrar a felicidade nas mais diferentes situações. O que ocorre, no entanto, é que a procura da felicidade nas coisas deste mundo é, tal como tudo o que nele existe, efémera.

Deste modo, entendo que a felicidade não está nas coisas, mas nas próprias pessoas. A esperança na nossa felicidade só pode ser concretizada quando, nós próprios, somos a esperança dos outros. É bem certo que, cada vez mais, as pessoas não querem compromissos. A sua esperança é limitada no tempo e procuram, antes de mais, a satisfação pessoal no que é imediato.

Um modo de procurar a nossa própria felicidade é contribuir na busca da felicidade dos outros, em termos profissionais, afectivos, instrução, etc...

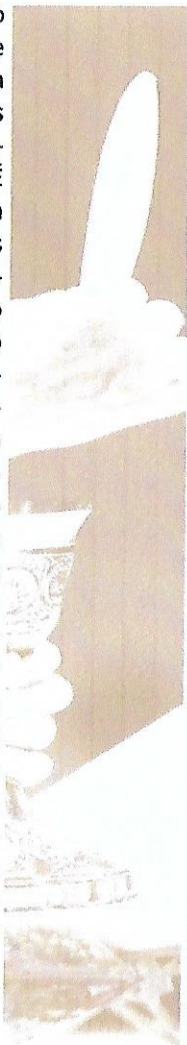
Há três anos, fui chamado para auxiliar o sacerdote da minha paróquia em levar o Corpo de Cristo aos doentes que não se podem deslocar à Igreja Paroquial. Durante este tempo, testemunhei experiências de vida e tenacidade muito grandes.

Na maioria dos casos, não são só os doentes que padecem devido à sua doença, mas também os familiares que carinhosamente cuidam deles. É incrível como Cristo entra nas suas casas. Alguns dos familiares, nem sequer são praticantes. No entanto, é neste Cristo que colocam a sua esperança. Não uma esperança milagrosa que cure o seu familiar, mas a esperança que os ajude a suportar estes momentos difíceis das suas vidas ao cuidar do doente.

Alguns dos doentes também gostam de contar situações da sua vida. Nestes casos, sou apenas ouvinte. A esperança destes doentes está em alguém que os ouça contar momentos vividos e que, certamente, os familiares já ouviram muitas vezes.

Para além de me realizar enquanto marido e pai, são também estes momentos, que Cristo proporciona na minha vida, que me permitem realizar-me como Homem.

Luis Teixeira



n.º 427

14 JANEIRO
2018

II DOMINGO
COMUM

Ano B

Fermentões
Mascoteiros
N. Sr.ª da Conceição
N. Sr.ª da Oliveira
Polvoreira
Santa Marinha da Costa
S. Cristóvão de Selho
S. João de Ponte
S. Martinho de Candoso
S. Tiago de Candoso
Silvares
Tabuadelo
Unidade Pastoral de
S. Sebastião e S. Paio
Vila Nova de Sande

◀ TOMA ELE

Boletim Domínical | Inteparoquial

ENCONTRÁMOS O MESSIAS!

Encontrámos o Messias! Foi assim, cheio de alegria, que André deu a notícia a seu irmão Simão (Simão Pedro), depois de ter encontrado e de se ter encontrado com Jesus, que lhe fora apresentado por João Baptista.

Jesus, o Messias, apresenta-se discretamente, manifesta-se, dá-se a conhecer, e espera que nós, que já O conhecemos, O demos a conhecer aos outros, para que todos saibam que temos um Messias para todos, um Cordeiro de Deus pronto a dar a vida por todos, para que todos sejam livres, libertos do pecado que escraviza.

Encontrar o Messias, sabendo o que Ele representa, a sua missão, provoca necessariamente uma inquietação e a necessidade de O dar a conhecer a todos, para que todos O possam conhecer e se deixem transformar por Ele, ou melhor, salvar por Ele.

O facto é que Deus, o Pai, o Criador e Senhor, é só um. Mas o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”, é o Cordeiro do Pai, que O enviou ao mundo, para salvar o mundo. E não há outro. Nem é preciso outro.

Por isso é que quem O encontrou e O conhece tem obrigação de O dar a conhecer. Por isso é que os apóstolos, que Jesus escolheu, formou e a quem Se deu a conhecer, os enviou a fazer discípulos. Por isso é que Jesus instituiu e nos deixou a Sua Igreja, Mãe e Mestra, para tornar Jesus presente e vivo, em todos os tempos e lugares, através dos seus discípulos: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, Eu estarei no meio deles” (Mt 18, 20). E ainda: “Eu estarei convosco até ao fim dos tempos” (Mt 28, 20).

Pe Mendes

ESPERAR CONTRA TODA A ESPERANÇA

(ROMANOS 4, 18)





CATEQUESES SOBRE A ESPERANÇA PAPA FRANCISCO

AUDIÊNCIA 27 SETEMBRO 2017

Neste tempo falamos sobre a esperança; mas hoje eu gostaria de reflectir convosco sobre os inimigos da esperança. Pois a esperança tem os seus inimigos: como cada bem neste mundo, ela tem os seus inimigos.

Eveio-me à mente o antigo mito da caixa de Pandora: a abertura da caixa desencadeia muitas desgraças para a história do mundo. No entanto, poucos se recordam da última parte da história, que abre uma espiral de luz: depois que todos os males saíram da caixa, um minúsculo dom parece ter a desforra diante de todo o mal que se propaga. Pandora, a mulher que conservava o jarro, vê-o por último: os gregos chamam-lhe elpís que significa esperança.

Este mito narra-nos por que razão a esperança é tão importante para a humanidade. Não é verdade que “enquanto houver vida, haverá esperança”, como se costuma dizer. Talvez o contrário: é a esperança que mantém em pé a vida, que a protege, que a conserva, que a faz crescer. Se os homens não tivessem cultivado a esperança, se não tivessem sido animados por esta virtude, nunca teriam saído das cavernas, nem teriam deixado vestígios na história do mundo. É o que de mais divino possa existir no coração do homem.

Um poeta francês — Charles Péguy — deixou-nos páginas maravilhosas sobre a esperança (cf. O pórtico do mistério da segunda virtude). Ele diz poeticamente que Deus não se admira tanto com a fé dos seres humanos, e nem

sequer com a sua caridade; mas o que realmente o enche de admiração e emoção é a esperança das pessoas: «Que aqueles pobres filhos — escreve — vejam como vão as coisas e que acreditem que será melhor amanhã de manhã». A imagem do poeta evoca o rosto de muitas pessoas que passaram por este mundo — camponeses, pobres operários, migrantes em busca de um futuro melhor — que lutaram tenazmente, não obstante a amargura de um presente difícil, cheio de numerosas provações, mas animada pela confiança de que os filhos teriam uma vida mais justa e mais tranquila. Pelejavam pelos filhos, lutavam na esperança.

A esperança é o impulso no coração de quem parte, deixando a casa, a terra, às vezes familiares e parentes — penso nos migrantes — em busca de uma vida melhor, mais digna para si e para os próprios entes queridos. E é também o ímpeto no coração de quem acolhe: o desejo de se encontrar, de se conhecer, de dialogar... A esperança é o impulso a “compartilhar a viagem”, porque a viagem se faz em dois: aqueles que vêm à nossa terra, e nós que vamos rumo ao seu coração, para os entender, para compreender a sua cultura, a sua língua. É uma viagem em dois, mas sem esperança aquela viagem não se pode realizar. A esperança é o ímpeto a compartilhar a viagem da vida, como nos recorda a Campanha da Cáritas que hoje inauguramos. Irmãos, não tenhamos receio de compartilhar a viagem! Não tenhamos medo! Não temamos compartilhar a esperança!
(Cont.)

T-L-IV

CONSELHOS ECONÓMICOS PAROQUIAIS: TOMADA DE POSSE E FORMAÇÃO

– 14 Janeiro, 15h00, Cripta do Sameiro

INSCRIÇÕES PARA C.P.M. (CURSO DE PREPARAÇÃO PARA O MATRIMÓNIO)

– 20 Janeiro a 25 Fevereiro, Colégio Egas Moniz

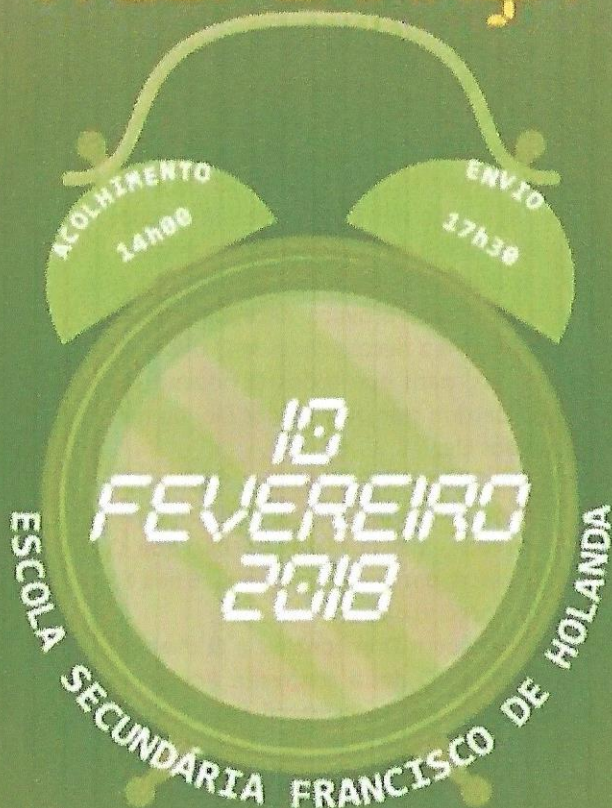
PASTORAL DA SAÚDE: «DOENÇA E LUTO». ESPERANÇA

– 20 Janeiro, 15h00, auditório do Hospital da Senhora da Oliveira

FORMAÇÃO PARA MINISTROS EXTRAORDINÁRIOS DA COMUNHÃO

– 3 Fevereiro, 9h30-12h00, Colégio Egas Moniz

DESPERTAR
A ESPERANÇA



DIA ARCIPRESTAL
DO CATEQUISTA